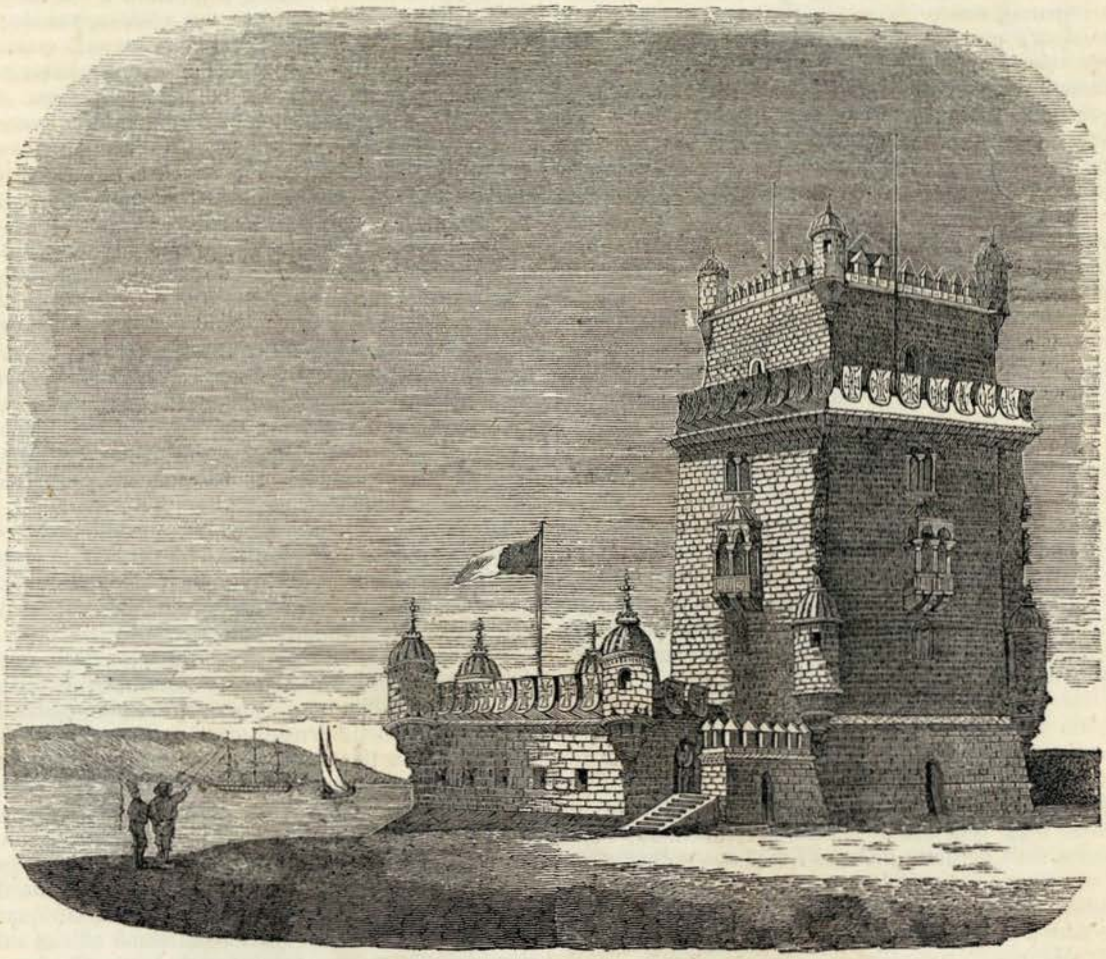


Torre de Belem. — Desenho de Nogueira da Silva. — Gravura de Coelho.

A famosa torre ou castello de S. Vicente de Belem assenta na margem do Tejo, pouco a baixo de Lisboa.

Foi projectada por D. João II, para cruzar fogos com a Torre Velha, construida no outro lado do rio por D. João I. Do nosso chronista Garcia de Resende foi o seu plano. Só D. Manoel pôde, entretanto, leval-o á execução, quando edificava o proximo convento dos Jeronimos, e no mesmo gosto d'elle. Por occasião da morte d'este monarcha já a torre ficava acabada, e, em 25 de setembro 1521, doada a sua capitania a Gaspar de Paiva.

Construida originalmente no meio das ondas, com a accumulação de arêas, e tendencia que o rio tem a pesar sobre a margem do sul, deixando a descoberto a do norte, a torre está hoje situada no pontal de uma lingueta.

N'este bello modelo de architectura militar são dignos de ver-se os relevos e bestiães; nos angulos as guaritas com seus lavores; as ameias entre as guaritas; o eirado superior onde, até ha pouco, estivera um telegrapho; o alto azarve ameiado, sustentado sobre cachorros de pedra com machiculis (aberturas) para arremeçar de cima pedras e virotes sobre o descoberto pé da muralha; as cruzes floreteadas da ordem de Christo, entalhadas nas mesmas ameias, etc.

Uma das maiores curiosidades da torre é a sala regia, que tem uma varanda para o mar, rematada com as armas de Portugal, e divisas de D. Manoel. É notavel a particularidade de ter o tecto eliptico, quando a sala é quadrada, o que faz que dois observadores postos nos foccos, que ficam nos angulos oppostos da casa, se possam corresponder, quando outros no meio d'ella, e por isso mais proximos, nada podem ouvir.

Tudo n'este monumento falla á alma do poeta antiquario: a onda que sussurra a seus pés, o vento que sibilla nos ares, inspiram profunda sensação.

Hoje como fortaleza não tem o menor valor militar. É só um brasão historico, e como tal se deve policiar e conservar. A pouca e velha artilheria que a guarnece; aos veteranos que a guardam, e dão as salvas do estilo, deviam substituir um museu nacional d'antiguidades militares, como se fez na torre de Londres.

O que dá valor ao affecto de uma mulher, não é a sua belleza, mas o seu pudor; e ao de uma esposa, não os encantos do seu rosto, mas a sua doçura e castidade.

Poppfer.

INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

O *Athenæum*, revista litteraria de Londres (n.º 1659 de 13 d'agosto 1859) n'um extenso artigo, *Portuguese Bibliographical Dictionary*, analyse minuciosa do I tomo do *Diccionario Bibliographico Portuguez*, justa e imparcialmente honrosa para o auctor nosso compatriota, pareceu olhar como falta, que desejaria ver remediada, «que o auctor do *Diccionario* não désse de si nenhuma informação.» Pretenderia acaso que elle apresentasse como prologo da obra a propria biographia? Nem a occasião, nem o logar eram para isso. Fôra excepção á lei commum, excepção que repugnava á consciencia do escriptor portuguez.

Permitta-se-nos que procuremos satisfazer áquelles desejos, e que digamos aos leitores o que soubermos a tal respeito, com franqueza, e sem fascinação da admiração ou da amizade.

Innocencio Francisco da Silva, natural de Lisboa, nasceu a 28 de setembro 1810. Filho de um official das antigas ordenanças, seu pae fazia então, e ainda fez por muitos annos, vida do commercio em pequena escala. Foi elle o primeiro mestre que conheceu; d'elle houve os primeiros rudimentos das lettras. Traços complacentes e indeleveis lhe gravaram na memoria as primeiras lições da infancia. Ainda não tinha seis annos, quando só lhe davam a recreação dos poucos livros que havia na casa paterna. A traducção em verso que Pereira e Sousa fez do immortal *Telemaco*, o *Gil Braz* de Lesage, a *Historia sacra* de Royaumont, foram os que primeiro deletreou. A *Historia romana* de José Thomaz d'Aquino, e mais tarde o *Feliz independente*, e a *Vida de D. Nuno Alvares Pereira* por frei Domingos Teixeira, constituiam toda a distracção e alimento do espirito que desabrochava sofrego. Quando faltou em casa alimento para a avidez d'aquelle leitor novel mas incançavel, acudiram emprestimos d'amigos e conhecidos. D'ahi o habito de leitura que contrahiu, e que nunca mais perdeu; d'ahi os livros aos milhares que a sua paciencia inquebrantavel, e a sua sêde investigadora tem devorado, relido, comparado, decifrado com a perseverança e illustração de um monge de São Mauro.

Se os primeiros annos d'essas leituras indefessas tivessem sido empregados com mais methodo; se dirigisse de outro modo esses estudos, tiraria melhor proveito, daria ordem mais vantajosa e mais elevada ás suas idéas? Quem o sabe? É uma ociosa discussão de hypotheses, que o menor capricho do destino, o menor acinte dos factos torna inutil. O que podia ser, leva a considerações de ordem tão superiormente vária e arbitraria, que o nosso espirito prefere rastrear e medir as cousas pela fatal, mas irrecusavel, medida do que é.

Aos quinze annos diziam-lhe que tinha disposições para o desenho. Correu á aula do de figura e architectura civil, que havia no hoje extincto convento dos Caetanos. O aproveitamento dos dois annos que a frequentou não correspondeu, entretanto, ao que tinham vaticinado. Seria culpa do methodo do ensino? Seria vocação mal interpretada, ou facilmente desvanecida? O que não carece de averiguação é que deixou aquella carreira que lhe não promettia nem proximas, nem remotas vantagens, e passou a cursar humanidades no antigo estabelecimento publico do Bairro-alto, onde não pôde demorar-se muito pela obrigação que a decadencia da fortuna paterna lhe impunha, de tratar de preferencia do que pudesse, em tempo mais breve, proporcionar-lhe, e á sua familia, meios de acudir ás necessidades da vida.

Os estudos da aula do commercio, reputados então indispensaveis para entrar no serviço das repartições do estado, pareceram-lhe melhor partido a seguir nas suas circunstancias particulares. Em 1830 concluiu com aproveitamento aquelle curso, a esse tempo biennal.

A lingua franceza, cujo conhecimento adquirira por si, sem auxilio alheio; as idéas liberaes que bebêra com o leite materno, o levaram e lhe facilitaram a leitura dos escriptos dos philosophos do seculo XVIII. João Jacques, Volney, Raynal, eram os seus favoritos. De Voltaire foi menos enthusiasta pelo modo como o via tratar as materias religiosas.

N'alguns ensaios poeticos que então fez, procurou no gosto e estilo imitar o nosso Filinto, que considerava o melhor modelo. Pouco conserva d'essas tentativas juvenis, que inutilisou pela maior parte: as que restam, sem animo a expol-as á varia fortuna da publicidade, se não provam grande estro, manifestam, porém, escrupulo na observancia das leis da plastica poetica.

Aproximava-se o termo do antigo regimen: aquella situação politica não o favorecia, pelos sentimentos que conhecidamente professava: não havia esperar tolerancia até admittirem-n'o em empregos do estado, antes a sua nota, e a que sua familia tinha, de liberal, lhe suscitaram perseguição, que por vezes o teria reduzido á prisão, se não houvesse procurado salvar-se no homizio.

De 1830 a 1833 seguiu o curso mathematico da extincta academia de marinha. No primeiro e segundo anno recebeu premios por unanimidade de votos dos examinadores: no terceiro, em que não os havia, coube-lhe distincção honrosa.

Poucos dias havia que concluira este curso, quando em Lisboa foi restaurado o governo constitucional. Com as habilitações legaes, que tinha, podia entrar no serviço da armada com o posto de segundo tenente. Se o tivesse feito, como outros condiscipulos, em circunstancias menos vantajosas por certo, estaria hoje capitão tenente. Era, porém, grande a sua negação para a vida maritima. Desejando, comtudo, em tal conjunctura, prestar serviço á causa liberal, preferiu alistar-se voluntariamente n'um dos corpos moveis que então se organisaram. No quarto batalhão movel de Lisboa entrou como official inferior, e n'elle serviu até ao fim da lucta. São honrosos os documentos que abonam o seu prestimo e bom serviço n'este tempo.

Um pae entrado em annos, cego e paralytico; uma familia que carecia do amparo do seu braço, levaram-n'o a leccionar discipulos dos cursos mathematicos, tanto da academia de marinha, como da aula do commercio. De 1834 a 1837 adquiriu bons creditos n'essa qualidade, e teria continuado n'ella, se o serviço activo da guarda nacional, de que fôra eleito capitão pelos seus camaradas, e as reformas e novo methodo introduzido nos estudos, o não levassem a desistir de uma profissão, que pouca ou nenhuma vantagem futura lhe offerecia.

Qualquer que fosse o apuro das provações que até alli experimentára, nunca pôde resolver-se a requerer cousa alguma. Só ao zelo de um amigo officioso, já hoje fallecido, deveu que o então administrador geral de Lisboa o convidasse a entrar na secretaria da mesma administração (hoje governo civil) na qualidade de amanuense extraordinario ou temporario, com o vencimento de mil reis *nos dias uteis!* Em 1842 entrou no quadro effectivo como amanuense de segunda classe, mas só em 1851 passou á primeira!

Tal é a situação em que encontrâmos em junho 1837 o auctor do *Dicc. Bibliog.*, que passa alguns mezes no archivo d'aquella repartição classificando livros e papeis, que tinham pertencido ás recem-extinctas casas religiosas. O seu prestimo não podia conservar-se por muito tempo ignorado: a sua facilida-

de de redigir, o seu extraordinario expediente, são partes para que o transfiram para a repartição encarregada dos negocios da administração de fazenda, ao serviço da qual mal podiam bastar mais de vinte empregados que então contava. Permaneceu n'ella até 1848, em que aquelle ramo de serviço se desannexou do governo civil, e foi constituir outra ordem de repartições especiaes. Passou á repartição de policia, segurança, e salubridade publica.

A sua assiduidade, o seu merito, a sua intelligencia, a sua probidade exemplar, tem sido attestadas pelos chefes com quem tem servido. Não lhe faltam documentos lisongeiros do seu desempenho do publico encargo. A estatistica do seu trabalho alli, no lapso de vinte e dois annos, mostra-nos que o empregado zeloso tem redigido mais de vinte e seis mil contas e officios, ácerca de negocios diversos e mais ou menos importantes, para o governo e auctoridades subalternas; afóra alguns milhares de documentos, relatorios, editaes, regulamentos, mappas, informações, e outros de diversissimas especies. Se a importancia e bom acabamento de muitos dos mais notaveis lhe tem por muitas vezes grangeado grandes elogios da parte dos seus superiores; o adiantamento que tem experimentado na sua carreira tem sido, entretanto, negativo.

Absorvida a maior e melhor parte do tempo em taes occupações quotidianas, que lhe restava para entregar-se a trabalhos litterarios que requeriam estudo e meditação? Os seus productos n'esta provincia da actividade humana são verdadeiros milagres. É em taes circunstancias que, pouco ou nada auxiliado, apouquentado por cuidados e desgostos domesticos a maior parte da vida, tem feito investigações preciosas n'uma das mais vastas escalas a que tem podido chegar a diligencia de um só homem: é em taes circunstancias que tem colhido subsidios d'alta importancia para a nossa historia litteraria, e feito collecções varias, e uma livraria de alguns mil volumes, grande para as suas forças, sem deixar de ser selecta: é em taes circunstancias que emprehendeu, e ha de felizmente levar a cabo, com muita gloria sua, e utilidade geral, um grande tombo bibliographico, que de dia para dia tende a completar-se e a aprimorar-se de mais em mais. A historia de tão laboriosa tarefa póde ver-se na introducção com que abriu o I tomo do seu *Diccionario Bibliographico*.

A academia real das sciencias de Lisboa já lhe deu prova do apreço em que o tinha, nomeando-o espontaneamente, e por votação unanime, seu socio correspondente, e, segundo ouvimos, com expressa declaração de entrar como effectivo na primeira vagatura que n'ella houver. Tambem sabemos que, dentro e fóra do paiz, tem sido proposto para membro de outras associações litterarias, cujos diplomas não podem tardar muito.

Afóra a maior parte do *Diccionario*, conserva ineditos, e mais ou menos adiantados, alguns trabalhos não menos importantes, que esperâmos terá ainda bastante vida, e disposição para não os deixar sem luz publica. Dos já impressos faremos aqui breve resenha pela ordem chronologica.

Se a experiencia e os annos tem ido desvanecendo em Innocencio Francisco da Silva o imperio prestigioso das illusões politicas, não estava assim em 1837 quando era secretario da associação que então havia sob o titulo de sociedade-patriotica-lisbonense. A ella pertenciam por esse tempo muitas das notabilidades politicas que depois figuraram, de bem diversos modos, na scena publica. As mais influentes d'ellas dormem na paz do tumulo. Foi em desempenho do dever, que aquelle cargo lhe impunha, que escreveu, e a sociedade mandou imprimir o *Relatorio lido na sessão solemne do anniversario da Sociedade Patriotica Lisbonense, em 9 de março de* 1837. Saiu, com o discurso do presidente, conselheiro Luiz Ribeiro de Sousa Saraiva, Lisboa, typ. de José Baptista Morando, 1837.

Em 1839 compillou e deu á luz n'um volume as *Composições Poeticas do dr. José Anastacio da Cunha*, das quaes umas andavam dispersas e deturpadas em antigas collecções periodicas, etc., outras estavam ineditas e desconhecidas do publico. D'ahi se lhe originou um processo por abuso de liberdade de imprensa em materia religiosa. Se foi absolvido pelo tribunal competente, viu todavia supprimida a edição! Felizmente, constando ella de quinhentos exemplares, já quasi todos estavam a esse tempo em poder dos subscriptores. É uma collecção que se tornou rara, e que poucas vezes apparece á venda.

A instancia de A. M. Pereira, livreiro-editor n'esta cidade, compillou tambem para uso das aulas da instrucção primaria a *Pequena chrestomatia portugueza, offerecida á mocidade estudiosa*. Lisboa, typ. de Manoel José Mendes Leite, 1850. Quando preparou este trabalho ignorava que com o mesmo titulo, mas total e absoluta diversidade de materias, já em 1809 se tinha publicado em Hamburgo outro opusculo. Assignando a prefação em que deu razão da obra, posto que não pozesse o seu nome no fronstispicio, como póde desculpar-se o descuido do extincto conselho superior de instrucção publica, que, approvando a *Chrestomatia* para uso das escholas, na relação competente a inscreve com o nome do editor, que não concorreu para ella com uma só letra?

São egualmente suas a coordenação e disposição da edição em seis volumes, que das *Poesias de M. M. de Barbosa du Bocage* fez em Lisboa em 1853 Antonio José Fernandes Lopes, mercador de livros, editor que foi do *Panorama*, e ainda é da *Illustração Luso-Brazileira*. Todos os tomos são acompanhados de notas historicas e philologicas, fructo de investigação minuciosa e aturada. Foi alli que appareceram pela primeira vez varias poesias não colligidas em nenhuma das edições anteriores. É um trabalho que será sempre reputado util e vantajoso serviço feito ás lettras patrias (Vid. o que diz Rivara no *Panorama*, III. da 3.ª serie, 1854, pag. 216). O cuidado com que dirigiu e velou esta edição, feita em menos de um anno; o seu escrupulo na revisão foi tal, qual se póde avaliar pelos erros que lhe escaparam. Constando de mais de 2:500 paginas, apenas a final se lhe descobriram 45 erros, a mór parte d'elles de pouco momento, como se infere da tabella no fim do ultimo volume.

N'este semanario publicou uma serie de apontamentos ou memorias biographicas de portuguezes modernamente distinctos nas sciencias e nas letras. Nos dois tomos de que já consta o *Archivo Pittoresco* acham-se as dos seguintes: *Francisco de Paula Cardozo, morgado de Assentis*: — *Antonio Diniz da Cruz e Silva*: — *José Mauricio, professor de musica na universidade de Coimbra*: — *José Ferreira Borges*, (servindo-se em parte da Memoria que sobre o mesmo assumpto o conselheiro Agostinho Albano publicou no vol. I da *Revista Litteraria do Porto*): — *Francisco Xavier Monteiro de Barros* (deputado ás cortes em 1821): e *Francisco Adolpho de Varnhagen* (portuguez-brazileiro).

Nos primeiros dias do corrente anno annunciou a publicação immediata das *Memorias para a vida intima e litteraria do P. José Agostinho de Macedo*. Era obra coordenada e disposta havia muitos annos. Não se tinha ainda impresso por motivos que então se soube, quando, depois de publicar o prospecto, o sr. Marques Torres appareceu com um trabalho seu intitulado *Vida* do mesmo padre. Esta coincidencia de um trabalho annunciado, e de outro publicado,

occasionou uma explicação da parte do auctor das *Memorias*, reproduzida em quasi todas as folhas periodicas da capital, e que se póde ver no *Jornal do Commercio*, n.º 1595 de 18 de janeiro. O auctor da *Vida* resentiu-se sem grande plausibilidade. As suas ironias foram interpretadas como repto. D'ahi a *Carta ao sr. Miguel Joaquim Marques Torres, auctor de um impresso, que se intitula* «Vida de José Agostinho de Macedo», *servindo de resposta a outra que o mesmo sr. fez inserir no jornal* «O Futuro» n.º 243, etc. Lisboa, typ. do Futuro, 1859.

O fim d'esta carta era mostrar a sem razão do competidor, e rebater-lhe os sarcasmos. Concluiu accusando-o de haver tecido a *Vida* de José Agostinho, de erros, anachronismos, e inexactidões, apontando como prova d'essas faltas quatorze exemplos.

Seguiu-se *Resposta* de M. Torres. Pede a verdade, a imparcialidade, que se diga que o que na questão havia sobre os erros ficou intacto. Os incidentes suffocaram o objecto principal do debate. O *Diccionario Bibliographico*, que o auctor da *Vida* definiu, com gravissima injustiça, e cegueira de paixão «arte de conhecer livros pelos rostos e lombadas» (pag. 10) foi escolhido para expiação, que nem devia nem merecia. Alguns reparos que fez sobre pureza e propriedade de linguagem, não foram felizes. Entretanto o auctor das *Memorias*, se uma vez pensou, com a correspondencia que inseriu no *Futuro* n.º 266, pôr termo á polemica; depois julgou que tinha fundamento para ser mais rigoroso, como se mostrou na que publicou no *Jornal do Commercio*, n.º 1624, de 23 de fevereiro. Foi alli que a contenda pareceu terminar definitivamente.

Sobre assumptos politicos e litterarios tem Innocencio Francisco da Silva publicado em diversos tempos outras correspondencias e artigos. Vid. os jornaes *Verdadeiro Amigo do Povo* (1836) — *Verdadeiro Patriota* (1837) — *Revolução de Setembro; Panorama* (1854) — *Archivo Pittoresco* (1859) — *Nação* (n.º 3:520 de 18 de agosto 1859) — *Jornal para todos* (1859) etc.

Oxalá que para o diante não faltem forças nem estimulos ao homem que tem feito tão importantes serviços, e subministrado tão valiosos auxilios aos cultores das letras portuguezas, n'um e n'outro hemispherio: oxalá que a vida e o remanso lhe sóbrem para augmentar o seu legado, e produzir o muito de que ainda é capaz, e em muitos casos só elle!

Por aqui cerrâmos estes apontamentos. Não cremos que a admiração, bem merecida, nos fascinasse: adulação ou lisonja é que n'estas linhas não entraram, porque se casam mal com o caracter de quem as escreve, e desdiriam do merito de quem as suscita.

JOSÉ DE TORRES.

SINO DE MOSCOU.

O sino de Moscou é como um monumento. Tem 6,67 metros de altura, e 7,29 de diametro. Pésa 200,000 ou 240,000 kilogrammas. Foi fundido em 1733 no reinado da imperatriz Anna Ivanovna, para substituir o do czar Alexis Michaïlovitch, quebrado por occasião do incendio de Kremlin em 1701.

Com o receio de se não poder mover massa tão gigantesca, fundiram-n'a perto da sineira de Ivan-Velikoï em que devia ser posto. Entretanto, quando se acabou de fundir com exito mais favoravel do que se podia esperar, mudaram de tenção, e julgaram mais prudente e mais facil construir expressamante para elle uma sineira. Muitas galerias de communicação praticadas em diversas alturas, ligariam o novo ao velho edificio. O projecto estudado ía ser executado em 1737, quando um violento incendio consumiu as construcções de Kremlin, e por consequencia a officina em que o sino fôra fundido. Os effeitos do fogo e da agua, que lhe deitavam com mais zelo que sciencia, fizeram-lhe alguns estragos.

Depois todos os soberanos da Russia desejaram levantal-o, mas receavam a empreza. Foi o architecto francez Montferrand, que, com o seu exame, descobriu que lhe caíra um bocado, mas que era possivel tiral-o da fórma. Em 25 de março 1836, o mesmo architecto metteu mãos á obra por ordem do imperador Alexandre. Descarnou o sino, até uma profundidade de quasi 10 metros, da terra que o circundava, e escorou-o com uma forte armação. Então reconheceu melhor, que além da fractura, nada tinha que impedisse levantal-o e transportal-o.

Procedeu á construcção dos seus apparelhos, que acabou em menos de seis semanas. Em 30 d'abril ás 10 horas da manhã, começou a extracção. Dois cabos rebentaram, mas a operação continuava. Restavam nove cabrestantes. O sino tinha subido um terço do que devia. Aqui complicou-se a operação, tomando elle direcção obliqua. Mais dois cabos faltaram. No meio de geral anxiedade parou a ascensão. Puzeram-se debaixo do sino esteios, e n'elles o descançaram. Por aqui se ficou n'esse dia. A reparação dos desastres levou até 23 de julho seguinte, em que ás 6 horas da manhã recomeçou a operação com o reforço de dez cabrestantes, e se concluiu sem deixar nada a desejar. Deposto o sino na respectiva carreta, foi transportado, e collocado no pedestal, que lhe estava destinado, em 26 de julho.

A tradição popular dizia que este sino continha grande porção de ouro e prata. Verificou-se que não tinha mais que cobre e estanho.

O rei dos sinos está agora exposto no meio da grande praça de Kremlin sobre magnifico sócco de granito, não longe da base da sineira de Ivan-Velikoï. Coroa-o um globo e uma cruz grega de bronze dourado. A altura total de todo elle é de 11 metros. O bocado quebrado foi encostado a uma das faces do sócco, para deixar ver o interior do sino.

MODO DE FAZER SALTAR PER SI ALGUNS OBJECTOS INSENSIVEIS.

Ao enfornar enterre-se na massa de um dos pães uma casca de noz cheia de um mixto de mercurio, enxofre, e salitre, recoberto de maneira que se não possa derramar. Logo que o pão se principiar a coser, vel-o-hão aos saltos dentro no forno.

Assim tambem, lançando-se mercurio n'um vaso em que se ponham a cozer grãos, tanto que a agua entra a ferver entram elles a saltar para fóra; e assim, finalmente, uma pera que se cozeu com mercurio dentro, dá em bailar quando a põem na mesa.

Estes effeitos derivam provavelmente da dilatação e gazificação do azougue.

(Manual do Feiticeiro).

O CHRISTIANISMO NA CHINA.

Sua introducção, depois de descoberta a India por Vasco da Gama. — Successos mais notaveis, principalmente no que é relativo á questão do real padroado portuguez.

II.

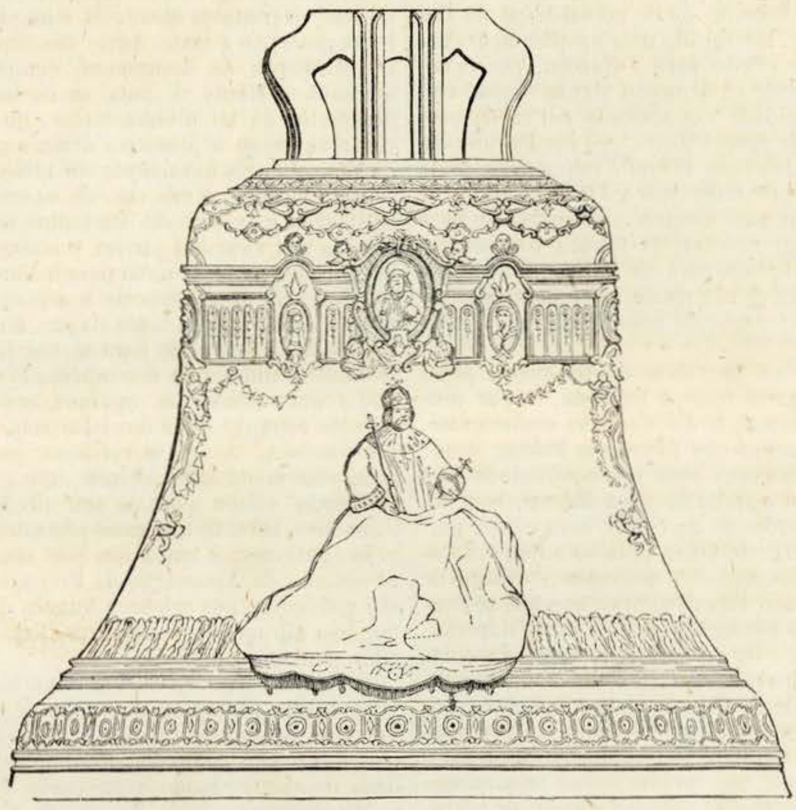
(Conclusão.)

Era deploravel o estado da diocese de Pekim, e urgia a nomeação de um bispo portuguez. Foi nomeado e sagrado D. Frei Alexandre de Gouvêa, que chegou a Pekim em 1785. Um dos seus primeiros

actos foi dividir a cidade e suburbios entre as quatro egrejas que acima mencionámos. Certos logares, que ficaram pertencendo aos francezes, foram reclamados pelos propagandistas; mas D. Alexandre os adjudicou áquelles. Por tal motivo foi pelos mesmos propagandistas accusado para Roma, que lhe insinuou nova divisão; mas D. Alexandre conservou a que fizera, e fulminou penas contra os transgressores.

Certo logar limitrofe das duas provincias de Hantum e Chely, tinha sido pelos jesuitas concedido aos propagandistas para n'elle se occultarem no tempo de perseguições, com a condição de não ser por elles administrado, a qual de futuro quebraram. O bispo Gouvêa reclamou o dito logar, propondo até que fosse só uma vez administrado por missionarios enviados por elle, e que depois o entregaria de sua auctoridade á administração dos propagandistas. Sendo rejeitada esta tão conciliadora proposta, poz D. Alexandre em interdicto o referido logar, pelo que novas queixas foram contra elle dirigidas á curia.

Um dos propagandistas mais fogosos foi nomeado occultamente legado apostolico *vel quid simile,* e para melhor explicar estas miseraveis questões, mandou para Roma um mappa em que se marcavam os territorios das missões dos italianos, francezes, e portuguezes. O portador que o levava, juntamente com algumas cartas dos missionarios, foi preso indo em caminho para Macau, e reconduzido a Pekim. Entre as cartas apprehendidas, havia uma de dois padres chins propagandistas, em que se queixavam de não ter ha muitos annos recebido congrua. Esta palavra «congrua» foi pelo interprete russo (convidado pelo governo chinez para traduzir as cartas dos europeus)



Sino de Moscou.

vertida pela expressão *fom-lu,* só empregada para designar os salarios que os empregados publicos recebem do governo.

Esta desgraçada circunstancia confirmou as auctoridades chinezas na antiga suspeita, coeva com a entrada dos europeus na China, de que estes tramavam contra o imperio. Foi em 1805 que isto succedeu, no decimo anno do reinado de Kia-kim, o qual ordenou que nenhum europeu seria mais admittido em Pekim, e foram logo mandados regressar para Macau dois missionarios francezes, que estavam em caminho, e já pouco distantes d'aquella capital, onde d'este modo acabou a publica missão christã, que por dois seculos durára.

Seguiu-se uma violenta perseguição em todo o imperio. Todos os europeus foram chamados aos tribunaes, e prohibidos de prégar a sua religião. O auctor do fatal mappa de que acima fallámos, e no qual os chins julgaram ver a futura desmembração projectada do reino do Meio, soffreu longo interrogatorio, de joelhos, e maniatado com cadeias de ferro, e foi desterrado para a Tartaria. Inseriu-se no codigo chinez a lei que ordena que seja desterrado para o Illy (confins da Siberia) e feito escravo de mahometanos, todo o christão chim que não renunciar a religião do Crucificado. Foi prohibida toda a communicação dos chins com os europeus; postaram-se guardas ás portas das egrejas d'estes, e suas casas foram mensalmente visitadas.

Pouco depois d'estes tristes successos morreu o ultimo jesuita portuguez, padre Bernardes, e, em junho de 1813, D. Fr. Alexandre de Gouvêa. Regressou a Pekim o propagandista desterrado, como n'outra parte váe dito. Renovou-se a perseguição n'aquella cidade, gastando a egreja portugueza avultadas sommas, por occasião d'esta e das precedentes.

Os propagandistas, faltos de recursos, foram soccorridos pelos portuguezes, pelo que receberam da propaganda o costumado elogio, isto é: «*fizestes o vosso dever.*»

Os propagandistas pediram ao governo chinez licença para regressar á Europa, que lhes foi concedida; mas a congregação da propaganda lhes levou muito a mal similhante determinação.

No emtanto, succedêra no bispado de Pekim D. Joaquim de Sousa Saraiva, da congregação das missões de Rilhafolles, o qual, em 1818, morreu no collegio de S. José em Macau, sem ter penetrado no seu bispado. Seguiu-se o bispo eleito D. Verissimo Monteiro da Serra, que vivia em Pekim, e era membro do tribunal das mathematicas. Não foi confirmado pela curia, e vendo por tal motivo perdida a paz entre os missionarios portuguezes de Pekim, pediu ao governo imperial licença temporaria para vir á Europa. Obteve-a, mas com a condição de não voltar. Ao saber isto o então vigario geral da diocese de Pekim, José Nunes Ribeiro, tio do actual bispo de Macau, D. Jeronimo, morreu de uma apoplexia. D. Verissimo veiu com effeito para a Europa, por caminho de Macau, onde se demorou alguns annos, trazendo para esta cidade uns sessenta mil *taéis*, producto da venda de propriedades que em Pekim possuia a missão portugueza. O *tael* é um peso de prata que corresponde proximamente a 1:400 réis.

Em 1830 volveu para o reino, e retirando-se para o Bombarral, onde nascêra, lá fundou o seminario d'este nome, destinado para as missões ultramarinas, o qual, depois da sua morte, succedida em 9 de outubro 1852, foi transferido para Sernache do Bomjardim.

Foi em 1822, na provincia de Hu-cuam, preso mr. Clet, missionario francez lazarista, e por insinuação perfida dos mandarins, declarou conhecer mr. Lamiot, unico francez que ficára em Pekim, e que conduziram ao Hu-cuam para ser confrontado com mr. Clet: d'alli o mandaram pára Macau, com intimação ao governador d'esta cidade para o fazer partir para França. D'este modo ficou só então em Pekim um unico missionario, e portuguez, o bispo de Nankim, D. Caetano Pires Pereira, que alli se conservou, tolerado e bemquisto pelo governo imperial, até que morreu a 2 de novembro de 1838. Tres das egrejas christãs já estavam destruidas, como váe dito; e pela morte de D. Caetano foram tapadas a pedra e cal as portas da antiga cathedral, e vendidas pelo archimandrita russo Benjamin as habitações dos padres portuguezes, cujo producto, na importancia de uns oito contos de réis, foi pelo ministro da Russia entregue em Lisboa ao governo.

Fallecido o bispo de Nankim, administrador apostolico de Pekim, ficou por vigario geral d'esta diocese, o padre João de França Castro e Moura, que desde 1833 n'ella residia, tendo vindo de Nankim, como acima dissemos. A occasião era opportuna para a propaganda realisar seus constantes projectos de invasão, porque não havia por este tempo no oriente, nem no ultramar, um só bispo portuguez sagrado. Com effeito, tratou logo de aproveital-a com o breve *Multa præclaræ*, e outros que se seguiram. A Tartaria foi pelo pontifice Gregorio XVI desmembrada da diocese de Pekim, de que fazia parte, e erigida em vicariato apostolico a favor dos padres francezes das missões estrangeiras, sendo nomeado vigario apostolico monsenhor Verolle. Se esta disposição só atacasse os direitos do padroado portuguez, a reclamação, por mais justa que fosse, seria desattendida pela curia; mas como foram tambem por ella esbulhados das suas missões os lazaristas francezes, estes protestaram energicamente, allegando que a santa sé tinha sido enganada, e que as mesmas missões não estavam desamparadas, mas sim bem providas de missionarios lazaristas. Em consequencia, foi em satisfação a estes subdividida a Tartaria, nos vicariatos da Mongolia e da Mantchuria, sendo o primeiro confiado ao lazarista monsenhor Mouly, conservando monsenhor Verolle a sua jurisdicção só na Mantchuria.

Esta nova divisão sujeitava á jurisdicção de monsenhor Mouly, além de todas as christandades que antes tinham os lazaristas francezes, a maior parte das que na Tartaria pertenciam aos portuguezes, do que vivamente resentido monsenhor Verolle, incognito partiu para Roma, e conseguiu outra alteração. Imaginou-se para demarcação dos dois vicariatos, uma linha geographica, que partindo, nos parece, do meridiano de Pekim, fosse terminar nas possessões da Russia. Como, porém, a propaganda não fizera levantar a planta da Tartaria, e decidia estas questões com precipitação e leviandade, viu-se que por tal divisão apenas ficavam alguns centenares de christãos ao vicariato da Mongolia, e que todas as missões portuguezas, e a maior parte das françezas, volviam á jurisdicção de monsenhor Verolle. Demonstrou monsenhor Mouly á santa sé os inconvenientes e desacertos da tal divisão linear, que foi revogada, conservando-se a primitiva demarcação do vicariato da Mongolia. Eis novamente offendido e irritado monsenhor Verolle, e em vez de exercitar seu zelo e actividade na conversão de tantos milhares d'almas que no seu vicariato jaziam e jazem nas trevas do paganismo, parte de novo para a Europa; mas, apesar de todas as diligencias e declamações que empregou em França a favor da sua favorita demarcação linear, a santa sé, para se ver livre de tão importuno assumpto, e não querendo offender a nenhum dos adversarios, ordenou aos superiores das missões estrangeiras e dos lazaristas, que entre si se compozessem. Assim se verificou, porém, não como pretendia monsenhor Verolle, que, apesar d'isso, resignado voltou para o seu predilecto vicariato apostolico. Estes factos, estas perturbações, estas viagens continuas, á custa dos pios concorrentes para as esmolas da Associação da Propagação da Fé, não são publicados nos celebres Annaes d'ella; mas nem por isso são menos verdadeiros, nem deixam de excitar pungentes reflexões.

Deixemos, porém, os dois vigarios francezes, já vivendo em paz entre si, senhores das missões da Tartaria, desde então perdidas completamente de facto para o real padroado. Perdida tambem para nós ficou do mesmo modo a provincia de Xan-tum, já antes desmembrada da diocese de Pekim, e governada pelo vigario apostolico mr. de Bezi. Vejamos agora como egual destino coube ao resto d'esta diocese, onde na provincia do Che-ly havia ainda o maior numero de christãos d'ella. Estava governada, como váe dito, pelo padre Castro e Moura, na qualidade de vigario geral do ultimo administrador D. Caetano, quando a curia o nomeou bispo de Claudiopolis, e administrador apostolico da mesma diocese. Tal nomeação pareceu a alguns que não offendia os direitos do padroado, e até o procurador das missões portuguezas e superior do collegio de S. José em Macau, o padre Joaquim José Leite, pediu ao governo licença para que o dito vigario geral podesse ser sagrado bispo de Claudiopolis, o que mui judiciosamente se negou, passando a rainha D. Maria II a nomeal-o bispo de Pekim em novembro de 1841.

Achavam-se então interrompidas as communicações de Macau para o norte da China, por causa da guerra d'este imperio com a Inglaterra. Logo, porém, que o bispo eleito foi informado do que se passava, escreveu respeitosamente ao pontifice Gregorio XVI, agradecendo a graça que lhe fizera; mas declarando

que não podia sagrar-se bispo de Claudiopolis, menosprezando a nomeação que a rainha de Portugal d'elle fizera para bispo de Pekim; porque elle perderia o foro, que muito prezava, de cidadão portuguez, e a mitra o direito aos rendimentos que a diocese de Pekim tinha em Macau. Era bem facil e justo remover s. santidade estes obstaculos, confirmando a nomeação da rainha de Portugal, que recaía na mesma pessoa já pela curia julgada digna da missão episcopal. Longe, porém, de assim succeder, nenhuma resposta se deu á carta do bispo eleito, que só recebeu uma da congregação da propaganda elogiando-o muito pela sua obediencia, no presupposto de se ter já sagrado bispo de Claudiopolis, e que, para allivial-o dos seus trabalhos, a santa sé determinava dar-lhe um coadjutor, como aos mais vigarios apostolicos na China, e que para isso mandasse uma lista dos missionarios mais idoneos que houvesse na propria missão, ou em outras, para a curia entre elles escolher o seu coadjutor. D. João de França respondeu com firmeza, que já havia exposto a s. santidade os motivos por que se não sagrára, e que só estava prompto a continuar no governo da diocese, na qualidade que exercia de vigario geral. Para demovel-o d'este proposito empregou a propaganda todos os meios ao seu alcance, desde 1840; mas, vendo-os baldados, lhe intimou finalmente por um decreto pontificio, de 28 d'abril 1846, que se á recepção d'elle não estivesse sagrado bispo de Claudiopolis, cessava a sua jurisdicção na diocese de Pekim, que passaria logo ao vigario apostolico da Mongolia. O bispo eleito, por um acto de verdadeira abnegação, e querendo evitar novas perturbações n'aquellas christandades, obedeceu, retirando-se de Pekim em junho de 1847, e em agosto seguinte recolheu ao collegio de S. José de Macau, onde por mais de uma vez se lhe dirigiram enviados e supplicas dos christãos de Pekim, instando-o para que volvesse para entre elles. Foi assim que acabou o exercicio do nosso direito do padroado na diocese de Pekim.

Quando D. João de França se retirou de Pekim, ficava ainda de pé a antiga cathedral edificada pelos portuguezes, mas com as portas tapadas com tijolos, quebrados todos os vidros das janellas, e chovendo-lhe no interior pelo estado de ruina do telhado. A cêrca começava a ser occupada furtivamente pelos chins, que lhe iam demolindo os muros, ou estes por si se desmoronavam. O governo imperial a nada d'isto attendia.

Actualmente não ha bens alguns em Pekim, que pertencessem a esta missão; excepto duas residencias na provincia, uma das quaes principiou a edificar o bispo Castro e Moura; porém não a concluiu, receando já o que veiu a succeder. Por determinação do mesmo bispo, as pratas da egreja vieram encaixotadas para Macau, e foram recolhidas no collegio de S. José.

O bispo Castro e Moura conservou-se em Macau até 1850, esperando, em vão, que o governo de Portugal regularisasse as cousas do padroado. Perdida essa esperança, partiu em novembro do mesmo anno para a ilha de Timor, para missionar entre aquelles rudes povos. Por circumstancias alheias á sua vontade, pouco fructo colheu, e em 1853 regressou ao reino, e vive hoje retirado na sua terra natal, nas proximidades do Porto.

A congregação da propaganda, vendo assim realisado seu proposito de acabar com o nosso padroado na China central e do norte, intentou tambem invadir a diocese de Macau, onde continuára não interrompida a serie de bispos portuguezes, sendo o ultimo D. Jeronimo José da Matta, eleito e confirmado em 1844, como bispo coadjutor e futuro successor do bispo D. Nicoláo Rodrigues Pereira de Borja, fallecido pouco depois em 1845. Atacando a dignidade e prerogativas episcopaes, ordenou áquelle bispo, que conferisse jurisdicção nas provincias de Cantão e Cuam si aos missionarios francezes das missões estrangeiras; e quando não o fizesse, seria a mesma jurisdicção conferida pela sagrada congregação da propaganda; o que effectivamente succedeu, porque o bispo recusou tão insolita exigencia. Logo depois o procurador das missões francezas, residente em Hong-kong, escreveu ao bispo D. Jeronimo, dizendo que lhe pertencia o governo d'aquellas duas provincias, não só relativamente aos missionarios da sua nação, como a respeito dos padres chins educados no collegio de S. José. D'este modo o bispo de Macau, sem lhe ter sido coarctada a jurisdicção, era esbulhado por um simples procurador das missões francezas! Se tal não era a intenção da propaganda, ao menos foram estas as consequencias das suas instrucções.

A estes, outros factos se seguiram, que promoveram ao bispo de Macau continuos dissabores e difficuldades, até que em 1857 regressou ao reino, onde ha pouco resignou o seu bispado. [1]

Assim não temos hoje no oriente bispo algum sagrado, e nem um unico missionario portuguez no interior da China. Ainda que de direito, pela recente concordata se póde e deve remediar tão grave falta, infelizmente pouco é de esperar que melhore a nosso respeito o deploravel estado das cousas do padroado, á vista dos successos que ficam relatados, que bem revelam as tendencias da curia romana, as quaes não deixarão de ser as mesmas até conseguir completamente seus fins.

CARLOS JOSÉ CALDEIRA.

JOGO DAS SOMBRINHAS.

Tapado com uma cortina branca o vão de uma janella, ou porta da sala, e collocadas as luzes junto á parede fronteira, encerra-se por traz da cortina uma dama, ou um cavalheiro; então todas as pessoas da sociedade principiam a desfilar a um de fundo, e com o maior silencio, por diante da pessoa emparedada, detendo-se cada um alguns momentos, para que ella lhe veja a sombra, mas procurando o mais que lhe fôr possivel transfigurar-se em altura, em gestos, em ademanes, e em movimentos. A cada uma d'estas sombras que passam o recluso lançará um nome, procurando adivinhal-a, e só obterá a soltura quando o conseguir. O reconhecido passa então para o logar do adivinhador, e repete-se a mesma scena, até que, havendo logrado egual fortuna, é substituido por terceiro, e assim por diante.

ESCRIPTOS QUE SÓ SE PODEM LER EM QUENTE.

Este titulo parece designar cartas de amores, pois só os namorados as lêem; mas o sentido é outro, e póde não ser moral nem litterario, mas simplesmente physico.

Succos ha com que se escreve em papel, e em deixando seccar, nada se enxerga; mas que depois em o papel se aquecendo, fazem surdir a lettra, e durar visivel. Sumo de limão dá escripta d'esta de côr parda; acido sulphurico muito diluido, ruiva; vinagre branco, vermelha desmaiada; sumo de cebola, denegrida; de cereja, esverdiada.

[1] A pag. 273 do 1.º e 105 do 2.º vol. d'este semanario se publicaram as biographias e retratos de D. Jeronimo e D. João de França que podem ler-se como complemento d'este trabalho.

INDICE

(Os asteriscos antes da indicação das paginas designam gravuras).

LISBOA — Typographia de Castro & Irmão, rua da Boa-Vista, 4 P.